

AGOSTINHO DA SILVA: O HOMEM E O SEU PORVIR

*Manuel Gama*Departamento de Filosofia e Cultura
Instituto de Letras e Ciências Humanas
UNIVERSIDADE DO MINHO

1. Falar do futuro ou falar da vida em prospectiva pode parecer o mais fácil. Como não há factos positivos para contradizer o fruto do imaginário, tudo aparece como um mundo de possibilidades. De qualquer modo, é uma actividade fascinante e cativante tentar intuir o mundo do porvir. É um acto de pensamento que remete para a esperança, um dos antídotos mais eficazes contra o desencantamento dos espíritos. É este horizonte que encontramos no pensamento de Agostinho da Silva.

2. Irromper no ideário de Agostinho da Silva é entrar em comunhão com um pensamento encantatório. Deambulando de ideia em ideia, depressa o nosso espírito se deixa cativar pela beleza do seu percurso, onde se vislumbra uma harmonia sedutora. Harmonia: é, para nós, o conceito nuclear na sua filosofia. Num aparente desconcerto, no seu pensamento, tudo parece dar certo.

Tal como em Rousseau, encontramos uma concepção antropológica em que o homem é, por natureza, um ser livre e dotado de bondade. Por outro lado, em Deus vê

Agostinho a conciliação de todos os contrários¹, tese que, na sua profundidade e amplitude, engloba mesmo o fim da contraposição entre o Bem e o Mal. Quanto ao primeiro aspecto, no seu ensaio *Educação de Portugal*, afirma que «o homem nasce bom», que a ideia do bom selvagem tem de se pôr de novo como um conceito positivo e que «o mundo em nada nos melhora.»² Quanto ao segundo aspecto, como a binomia espaço-tempo aprisiona o homem, só em Deus, por que a transcende, poderá haver conciliação das oposições, como aforisticamente – tão do gosto e do jeito de Agostinho da Silva – traduz: «Deus não é nem espaço nem tempo; mas em nós os pensa ou vê»; «Todo o Deus que me apareça será Homem, pois que em tempo e em espaço.»³

É dentro daqueles pressupostos que queremos desenvolver algumas ideias agostinianas acerca do porvir do homem e do seu mundo.

3. No sentido de Rousseau, como já referimos acima, o homem é visto como um ser bom por natureza. Por contingências várias, o percurso da história da humanidade, com frequência, tende a evidenciar o contrário. No entanto, a bondade é-lhe intrínseca e ir-se-á revelando. Será o descobrir da intimidade do próprio homem, que está em cada um: «Agora, porém, a revelação em cuja véspera estamos, e é o fio de luz que tão poucos vêem na só aparente escuridão do mundo, não é [...] a da relação de irmão para irmão. É a da íntima e profunda e secreta relação de cada um consigo próprio.»⁴ Será essa revelação – a última – que acabará com todas as (falsas) antinomias, que se julgam inerentes à própria natureza da Humanidade e do Mundo. Será essa a última revelação –

¹ Ideia já defendida e explanada por Eduardo Abranches Soveral em «Felicidade e Sacrifício em Agostinho da Silva», in AA.VV., *A Dor e o Sofrimento – abordagens*, Coordenação de Maria José Cantista, Campo das Letras, Porto, 2001, pp. 319-324.

² Cf. Agostinho da Silva, *Educação de Portugal*, in *Textos Pedagógicos*, volume II, Âncora Editora, Lisboa, 2000, pp. 90-92.

³ *Id.*, *Pensamento à Solta (Inédito)*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, volume II, Âncora Editora, Lisboa, 1999, pp. 152 e 161.

⁴ *Id.*, «Terceira Revelação», *Só Ajustamentos*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, op. cit., volume II, p. 137.

a de nós para nós mesmos – de que tanto nos falara, quer Platão a propósito da lembrança do reino de pura essência, quer Jesus Cristo acerca da radical transformação do homem.

Neste ponto – e também noutros -, Agostinho da Silva aproxima-se do pensamento de Sampaio Bruno, quando este sonda no âmago do próprio homem o norte de toda a evolução e libertação universais. Quase a terminar a sua obra *O Encoberto* (1904), Bruno dá a chave do problema: «Dissipe-se a nuvem que encobre o herói. O herói não é um príncipe predestinado. Não é mesmo um povo. É o Homem.»⁵ Portanto, o homem é o ser encoberto, fonte certa de todas as possibilidades, que requer um continuado e progressivo desvelar.

Não se pense que o «homem novo» agostiniano advirá das tradicionais revoluções ou mesmo das altas cogitações filosóficas ou teológicas. Adverte ele que esperar que tal revolução «venha de movimentos de massas e de associações organizadas e de conferências internacionais e de discussões teológicas ou filosóficas é ideia totalmente absurda.»⁶ O homem na sua bondosa intimidade e verdadeira natureza desvelar-se-á com a prática da fraternidade e do amor. O seu actual impedimento advém da convicção geral de que o homem é um «animal egoísta, batalhador e feroz» como frequentemente a longa experiência histórica nos tem mostrado. No entanto, alerta o nosso pensador, o erro está em «tomar por estrutura o que é simplesmente accidental; só a fé no homem, nas possibilidades divinas do homem nos pode levar de novo à Idade de Ouro, tal como a representaram os poetas.»⁷ O fim deste tempo presente, avisa-nos, estará mais perto do que geralmente se julga⁸. Com o «fim dos tempos» - antevê Agostinho -, o mundo

⁵ Bruno, *O Encoberto*, Livraria Moreira, Porto, 1904, p. 378.

⁶ *Id.*, *Ib.*

⁷ *Id.*, «A Comédia Latina», in *Estudos sobre Cultura Clássica*, Âncora Editora, Lisboa, 2002, p. 317.

⁸ Cf. por exemplo, *Id.*, «A Comédia Latina», in *Estudos sobre Cultura Clássica*, *op. cit.*, p. 317 e «Terceira Revelação», estudo citado, p. 137.

transformar-se-á em liberdade e será mais sereno e, como anuncia em *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, também desaparecerá «toda a distinção entre útil e inútil, ou entre favorável e prejudicial [...] tudo foi, simplesmente; e ninguém julgará, e ninguém será condenado.»⁹ Será o tempo em que o espírito da criança, na sua bondade, se tornará no verdadeiro Imperador.

O próprio Agostinho, no seu saltitar biográfico, sobretudo em terras lusitanas e brasileiras, procurou a seu modo pôr em prática aquilo que ele próprio defendia, em ampla e multifacetada visão da vida¹⁰. A abertura a uma fraternidade sem limites e o total desapego dos bens materiais foram o seu timbre. Não sem que, por vezes, se denote uma certa falta de persistência da sua parte. Igualmente, também, procurou ser expressão - em agir antecipado do anunciado porvir - da conciliação dos contrários, quer quando deliberadamente se noticiava do paradoxo: «Não sou do ortodoxo nem do heterodoxo; cada um deles só exprime metade da vida; sou do paradoxo que a contém no total.»¹¹, quer também quando mostrava o gosto de ser reconhecido como paradoxal: «Agradeço o facto de me considerarem paradoxal. Como vejo sempre no heterodoxo o ortodoxo do outro lado, creio que aquilo que realmente nos pode unir é o paradoxal. Importante é instalarmo-nos no paradoxo. Medo tenho eu do ortodoxo e do heterodoxo, que me coibiriam de fazer algo que muito me agrada: poder conversar com pessoas de

⁹ Id., *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, volume I, Critério da Edição e Estudo Introdutório por Paulo Alexandre Esteves Borges, Âncora Editora, Lisboa, 1999, p. 236.

¹⁰ Numa bela e perspicaz visão de Agostinho da Silva, afirma Leonel Ribeiro dos Santos: «O que mais impressiona na sua biografia é a extraordinária capacidade de aproveitar o acaso e de tirar partido positivo dele, a capacidade ginástica de saltar por cima dos obstáculos, tomando as dificuldades como desafios e estímulos. Impressiona a sua arte de sobreviver aos naufrágios da vida, olhando para a frente e para o futuro sem lamentações e sem ressentimentos.» - Leonel Ribeiro dos Santos, «Agostinho da Silva, Pedagogo da Liberdade», in *Ariane. Revue d'Études Littéraires Françaises*, Lisboa, 18-20(2003/5), p. 103.

¹¹ Agostinho da Silva, *Pensamento à Solta (Inédito)*, in *op. cit.*, p. 145.

vários pensamentos, várias atitudes, com a capacidade de as entender em si mesmas, sobretudo quando alguma me aparece com sinal inteiramente contrário ao meu.»¹²

Era aquele seu especial manejo da vida e da palavra, com o seu quê de subversivo, era a sua capacidade de sondar o futuro, tornando actual aquilo que a maioria não consegue perscrutar que, no prefácio em *A Última Conversa. Agostinho da Silva*, levou certamente Eduardo Lourenço – para quem Agostinho da Silva era um «original escritor» e um «pensador perturbante» – a deixar registada esta afirmação: «Estamos a anos-luz daquela imagem-mito que não só nos últimos anos, mas penso, sempre, se colou ao homem e à figura de Agostinho da Silva, como exemplo de existência clara, sem sombra de sombra, vida activamente inserida na “pregação profética” sem hiato com a sua vida.»¹³

Era a *inteireza* de Agostinho da Silva, utilizando a expressão de António Quadros¹⁴, que por um lado provocava fascínio, mas por outro o tornava estranho, como que de outro planeta aos olhos do comum mortal sujeito à cisão, como frequentemente acentuou José Marinho no âmbito do pensamento português.

4. Cada um deve deixar ir a sua vida até ao fim, para ver o que é que dá, como experiência única e irrepetível, recomendava ele. Embora haja necessidade de uma orientação pessoal no sentido de cada pessoa não desanimar com o mundo que vê à sua volta, o fundamental é alimentar-se do futuro, construindo utopias e ucronias, e tendo presente que a evolução do mundo tem um sentido: «Todo eu sou, no sentido de estar na

¹² *Id.*, *Dispersos*, Introdução de Fernando Cristóvão, Apresentação e Organização de Paulo Alexandre Esteves Borges, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1988, pp. 79-80.

¹³ Eduardo Lourenço, «Um Homem Extra-Ordinário», Prefácio em *A Última Conversa. Agostinho da Silva*, Entrevista a Luís Machado, 8ª ed., Editorial Notícias, Lisboa, 2001, p. 14. Título aquele também aproveitado para o Editorial que Rui Moreira – registando honestamente a fonte -, director da revista portuense *O Tripeiro*, no número que lhe dedica a capa e muito do seu conteúdo: 7ª Série, Ano XXV, nº2(2006).

¹⁴ Cf. António Quadros, «Agostinho da Silva, profeta do terceiro milénio», in *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 22.09.1986.

acção entregue à ideia de que existe um sentido providencial na História. [...] O que perante mim justifica o sentido da minha acção é a convicção de que a história é providencial e irá dar certo um dia.»¹⁵. Um dia há-de dar certo, está firme Agostinho da Silva, um dia em que todos deixemos acender em nós a centelha do imperecível Pensamento. Aí, sim, depois de todas as revoluções, virá a «revolução que vale»¹⁶, cujo pendão será genericamente levantado pelo voluntário pobre de Assis, que soube conciliar este difícil, mas central, binómio entre um humilde esvaziamento interior e um activo e heróico voluntarismo santificador¹⁷.

O homem tem de estar aberto ao imprevisível, que não é mero acaso, mas manifestação dos planos de Deus. Assim, os homens deverão ser «os servos de Deus e, por consequência, os seus artífices», por meio das suas vontades, dos seus zelos, das suas diligências¹⁸. O mundo é-nos presente não simplesmente para ser admirado e desfrutado, mas para continuarmos a sua criação. A criação está incompleta e tem de ser continuada. Nesse sentido, também Sampaio Bruno já havia encaminhado o seu pensamento quando, inspirado em Novalis, e no sentido de uma moral cósmica, afirmou que «o fim do Homem é ajudar a evolução da Natureza. Como? Trabalhando, para saber, a fim de poder. [...] O homem tem de dar contas do supremo dever que lhe incumbe, o dever para com a natureza inteira. Libertando-se a si, libertando os seus irmãos de espécie, ele contribuirá já para a libertação universal.»¹⁹ Para aquele desiderato, vê Agostinho da Silva como modelo a pessoa de S. Francisco de Assis, que

¹⁵ Agostinho da Silva, *Dispersos*, op. cit., p. 71.

¹⁶ *Id.*, «Virá a revolução!», in *Textos e Ensaios Filosóficos*, op. cit., volume II, p. 377.

¹⁷ Cf. Eduardo Abranches de Soveral, «Agostinho da Silva: um homem de Deus», in *História do Pensamento Filosófico Português*, dir. de Pedro Calafate, Vol. V, Tomo 1, Caminho, Lisboa, 2000, p. 274.

¹⁸ António Braz Teixeira vê em Agostinho da Silva três vias, que se deparam ao homem, para a conquista da redenção: a inteligência total, a obediência e o amor. O amor é a via primacial. Cf. António Braz Teixeira, *Ética, Filosofia e Religião. Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Pendor, Évora, 1997, p. 19.

¹⁹ Bruno, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Porto, 1902, p. 470.

encarnou em si a conjugação da vontade de Deus com o querer do homem, como já referimos acima.

5. Não apurámos se Agostinho da Silva foi também leitor de Teilhard de Chardin (1881-1955). Há claras analogias em alguns pontos do pensamento de ambos, mormente quando é colocado o acento tónico no problema de encarar o futuro. Não tanto o futuro do homem como indivíduo, mas como espécie inserida no universo. Como deixou escrito na sua obra-síntese *O Fenómeno Humano*, concluída em 1940, Teilhard de Chardin afirma que toda a evolução se orienta para o homem, mas o avanço prossegue para além do homem individual. No entanto, foi na sua publicação póstuma, *O Futuro do Homem*, dada à estampa em 1959, que foram reunidos os seus principais ensaios consagrados ao problema do porvir do homem. Preocupação que, a partir dos anos 20, se virá sobrepor aos temas do passado; este só lhe interessava na medida em que ajudasse a sondar o futuro.

No entendimento de ambos os pensadores, a semente do futuro está em cada um de nós: para o filósofo francês, o Reino de Deus está dentro do ser humano; para o filósofo português, o homem é verdadeiramente à imagem e semelhança do Divino e dentro dele cintila o Pensamento eterno.

Teilhard de Chardin – tal como Agostinho – acreditava na humanização progressiva da Humanidade, sendo «O Homem *uma espécie que converge* (em vez de divergir, como todas as outras espécies do mundo).»²⁰ Ou, como afirma ainda noutro passo: «Nós não avançaremos senão unificando-nos: tal é, no nosso ponto de vista, a lei da Vida.»²¹ Lei da Vida que implica no pensamento teilhardiano a espiritualização

²⁰ Pierre Teilhard de Chardin, *L'Avenir de l'Homme*, Éditions du Seuil, Paris, 1959, p. 393.

²¹ *Id.*, *Ib.*, p. 98.

progressiva da matéria, ideia que já encontramos em Virgílio, quando no verso da *Eneida* enunciou: «[...] mens agitat molem» (o espírito domina a matéria).²²

Quando o imaginado porvir se tornar em devir, será o tempo do fim da *cisão* do nosso estado, atrás referida, mudando de Reino, pois este que ainda vivemos, está firme Agostinho da Silva, é «um momento do mundo, uma fase final de uma longa evolução em que os homens, sem necessidades materiais por satisfazer se sentirão plenamente de acordo consigo e de acordo com o universo.»²³ Nesse tempo, conclui logo de seguida, «estarão utilizadas todas as suas possibilidades numa actividade harmónica e bela.»

Em conclusão, pensamos que as ideias de Agostinho da Silva são não só um respirador, mas sobretudo a abertura de uma janela que deixa ver muito para além do horizonte físico. Comungamos com o nosso filósofo este cogitado mundo optimista, de beleza e harmonia, em que o homem será destino e não utensílio, em que o «terror do mistério» dará lugar ao «apaixonado amor», e o fatal e o livre deixarão de ser incompatíveis. Haja, pede Agostinho da Silva, fé no homem e nas suas possibilidades.

Bibliografia

- BRUNO, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Porto, 1902.
 - *O Encoberto*, Livraria Moreira, Porto, 1904.
 CHARDIN, Pierre Teilhard de, *L'Avenir de l'Homme*, Éditions du Seuil, Paris, 1959.
 LOURENÇO, Eduardo, «Um Homem Extra-Ordinário», Prefácio em *A Última Conversa. Agostinho da Silva*, Entrevista a Luís Machado, 8ª ed., Editorial Notícias, Lisboa, 2001
 MOREIRA, Rui, Editorial em *O Tripeiro*, Porto, 7ª Série, Ano XXV, nº2(2006), p. 34.
 QUADROS, António, «Agostinho da Silva, profeta do terceiro milénio», in *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 22.09.1986.

²² Virgílio, *Eneida*, Bertrand Editora, Lisboa, 2003, VI, 727. Aquele verso teria inspirado Fernando Pessoa, para dar o título ao seu poema *Mensagem* (mens+ag+em).

²³ *Id.*, «O Cristianismo», in *Ib.*, volume 1, p. 60.

- SANTOS, Leonel Ribeiro dos, «Agostinho da Silva, Pedagogo da Liberdade», in *Ariane. Revue d'Études Littéraires Françaises*, Lisboa, 18-20(2003/5), pp. 101-117.
- SILVA, Agostinho da:
- *Dispersos*, Introdução de Fernando Cristóvão, Apresentação e Organização de Paulo Alexandre Esteves Borges, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1988.
 - *Pensamento à Solta (Inédito)*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, volume II, Âncora Editora, Lisboa, 1999.
 - «Terceira Revelação», *Só Ajustamentos*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, volume II, Âncora Editora, Lisboa, 1999.
 - *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, volume I, Critério da Edição e Estudo Introdutório por Paulo Alexandre Esteves Borges, Âncora Editora, Lisboa, 1999.
 - *Educação de Portugal*, in *Textos Pedagógicos*, volume II, Âncora Editora, Lisboa, 2000.
 - «A Comédia Latina», in *Estudos sobre Cultura Clássica*, Âncora Editora, Lisboa, 2002.
- SOVERAL, Eduardo Abranches de, «Agostinho da Silva: um homem de Deus», in *História do Pensamento Filosófico Português*, dir. de Pedro Calafate, Vol. V, Tomo 1, Caminho, Lisboa, 2000, pp. 273-295.
- «Felicidade e Sacrifício em Agostinho da Silva», in *Dor e Sofrimento – abordagens*, Coordenação de Maria José Cantista, Campo das Letras, Porto, 2001, pp. 319-324.
- TEIXEIRA, António Braz, *Ética, Filosofia e Religião. Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Pendor, Évora, 1997.
- VIRGÍLIO, *Eneida*, Bertrand Editora, Lisboa, 2003.